



ACORDANDO OS SENTIDOS: A ARTETERAPIA COMO POSSIBILIDADE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS

Celina Ferreira Garcia¹⁸
Mônica Pereira Müzel de Paiva¹⁹

Resumo

Esta pesquisa é um estudo de caso a partir de vivências realizadas nas oficinas criativas em Arteterapia, com o objetivo de analisar qualitativamente sua contribuição na construção da identidade de adolescentes institucionalizadas. O grupo foi constituído por três garotas de 13 e 15 anos. Os encontros foram semanais com duração de duas horas, de maneira a propiciar um espaço para que as participantes pudessem ouvir e serem ouvidas, expressarem-se, identificarem sentimentos, revisitarem locais do passado e pensarem novas perspectivas para o futuro. Os resultados demonstraram que a Arteterapia auxilia nessa construção.

Palavras-chave: *Adolescente, Identidade, Arteterapia, SAICA*

INTRODUÇÃO

Falar de identidade de adolescente institucionalizado é falar da importância de se autoconhecer para enfrentar, com maior confiança, o desconhecido além dos muros institucionais, que começa dentro do sujeito: saber quem é, como se sente, como reage diante das coisas e das situações. Saber se perceber e se reconhecer diante de si e diante da vida para que, assim, possa encarar os muitos desafios que esta ainda lhe apresentará.

E como falar da identidade desse adolescente sem antes nos voltarmos para a nossa própria identidade?

Para Celina, descobrir quem era e resgatar suas origens, veio por volta dos quarenta anos como uma necessidade de completude, no sentido de ter um melhor entendimento de si mesma. Naquela época, forçada pelas mudanças que a vida lhe forneceu de forma impositiva, teve a oportunidade, por meio de atividades voltadas à arte, como por exemplo

¹⁸Pedagoga, Psicopedagoga com Aprimoramento em Neuropsicopedagogia com ênfase sistêmica. E-mail: celfgarcia.pp@gmail.com

¹⁹ Pedagoga, Neuropsicopedagoga. E-mail: mpmuzel@gmail.com

o desenho, a pintura a óleo, contação de histórias, dança espontânea, além de práticas corporais ligadas à yoga e eutonia, de entrar em contato consigo mesma e retomar o caminho do autoconhecimento que, atualmente, está mais claro com a prática arteterapêutica.

O interesse pela construção da identidade voltada aos jovens institucionalizados começou no início de sua carreira, na área da psicopedagogia, ao perceber que a maioria dos adolescentes que viviam por muito tempo abrigados, não tinham acesso às coisas corriqueiras, como por exemplo, ir a supermercados, fazer uma lista de compras, ter noção do valor das coisas que serão compradas e lidar com dinheiro, somadas ao distanciamento da própria família.

Celina viu casos em que o adolescente já tinha um emprego, sonhos e, ao retornar para a casa dos pais, voltou a ter um comportamento igual ao que tinha antes do abrigo e, depois de um tempo, repetiu a história familiar e deixou o próprio filho em um abrigo.

Muitas foram as histórias, a maioria não teve um final feliz.

Para Mônica, a mesma necessidade de ir em busca de sua identidade como ser humano, pulsante e viva se fez presente. O que vivia não correspondia mais às necessidades internas. Algo vibrava dentro de si como um chamado para descobertas. Não sentia a autonomia indispensável às suas ações diárias; sentia-se mecanizada, vazia e sem entusiasmo.

Ao dar atenção à sua inquietação, iniciou uma jornada que pudesse trazer algum direcionamento a esse desconforto. Sendo assim, empreendeu novos estudos, novas perspectivas e novos relacionamentos que pudessem trazer à tona o que buscava e ainda não sabia bem o que era.

O medo e a insegurança sempre foram entraves, mas não se deixou entregar, apesar de muitas vezes ser exatamente o que desejava. Os questionamentos eram muitos, a sensação de inadequação muitas vezes lhe invadia a mente e o coração. No entanto, o desejo de saber quem era, o que sentia e como venceria e alcançaria seu despertar era maior e não se deixou desvanecer. Esse desejo veemente de identidade acariciaria sua autoestima e seria crucial para a sua sobrevivência.

A identidade alimenta, constrói, fortalece e nos coloca em posição de sabermos fazer escolhas mais conscientes, conduzir nossas vidas assertivamente, com respeito a nós mesmos, em primeiro lugar, e ao nosso entorno.

A partir dessa busca e com a perspectiva de ir ao encontro de si mesma, Mônica entrou em contato com a Arteterapia e, com ela, teve a oportunidade de estagiar com jovens acolhidos. Um desejo há muito pensado e reforçado pelos relatos das experiências de Celina com esse público.

O desejo de auxiliá-los foi o motor que nos moveu e nos move. Acolhendo-os e por meio das possibilidades criadas pelas oficinas criativas, proporcionar-lhes a gestação de caminhos voltados à autopercepção, autovalorização, fortalecimento da autoestima e do amor próprio, que poderão despertar sonhos e realizações para suas jornadas de vida!

A seguir, trazemos alguns conceitos importantes para o desenvolvimento do tema.

Identidade

Refletir sobre o conceito de identidade é falar a respeito da busca que todos têm para saber “quem são”, “qual o seu papel na vida”, “para que foram chamados” e como isso afeta os relacionamentos sociais.

Segundo Penna (1992), há várias abordagens teóricas (antropologia, filosofia, psicanálise, psicologia social, semiologia, sociologia, etc.) que auxiliam na constituição do conceito de identidade, configurando um campo de trabalho multidisciplinar, o qual transita por processos psicológicos, cognitivos e sociais; localizando-se entre o individual e o grupo social. Para a autora, este conceito mutável torna-se, no dia a dia, um parâmetro para o indivíduo perceber a si mesmo e o mundo no qual vive, dotando-o de sentido conforme o momento vivido.

Sob o olhar da psicologia social, segundo Ciampa (1984), a identidade se constitui num processo contínuo, é metamorfose, estando em constante transformação, na medida em que muda em mim, reflete no outro. Também está associada a uma personagem que está inserida numa história na qual é, simultaneamente, autor e personagem. A identidade é uma, uma totalidade composta de várias combinações que nos permite saber quem somos.

Adolescência

A adolescência é uma transição para a vida adulta repleta de muitas descobertas e uma delas é a identidade, o reconhecimento de si. É descobrir “quem é”, é perceber sua própria imagem e como é percebido pelo outro, é descobrir seus valores e seus limites, é saber da possibilidade de quem pode vir a ser. (SERRÃO e BALEEIRO, 1999)

Papalia e Feldman (2013, p. 386) conceituam a adolescência como “transição no desenvolvimento entre a infância e a vida adulta que impõe grandes mudanças físicas, cognitivas e psicossociais”.

De acordo com Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares (2010, p. 228), a palavra “adolescência” vem do latim “*adolescere*” e significa *crescer*. Ainda, conforme Lidz e Serra (1983 e 1997), apud Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares (2010), existem várias adolescências, as quais estão de acordo com as características de cada pessoa e de seu contexto social e histórico.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS – 1965, in: SCHOEN-FERREIRA, AZNAR-FARIAS e SILVARES, 2010) a adolescência é definida como um período biopsicossocial que compreende a segunda década de vida do ser humano que vai dos 10 aos 20 anos. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 2012), o período da adolescência vai dos 12 aos 18 anos (§ 2º do Art. 1º das Disposições Gerais). De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2007), esse critério cronológico não considera os fatores biológicos, psicológicos e sociais na conceituação de adolescência e juventude, e o conjunto dessas características são de extrema importância para tal conceito, pois essa fase é marcada por um complicado processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial.

Nesse processo, ocorrem mudanças hormonais que transformam o corpo, a voz, as sensações, o humor e a sexualidade. O cérebro também está em desenvolvimento e, por ainda não estar pronto, não há clareza nos julgamentos e a tendência aos riscos são maiores (sexo, drogas, delitos etc.). As emoções estão à flor da pele, há uma dificuldade em se autorregular pela quantidade de modificações que estão ocorrendo dentro de si, acarretando mudanças nas relações familiares, sociais e consigo mesmo. Há também o fortalecimento e a estruturação na relação com os seus pares (turmas). Fatores como recursos econômicos, qualidade do ambiente doméstico, acompanhamento dos pais têm forte influência no comportamento e nas relações. (PAPALIA e FELDMAN, 2013)

Cada indivíduo vive suas experiências de forma singular e pessoal, ainda que não viva sozinho e precisem de um ambiente saudável para que seu desenvolvimento seja sadio, pois esta é uma fase longa e especial que afeta o sujeito e ecoa na vida familiar. Um período em que a presença do adulto como orientador e apoiador é fundamental para uma construção saudável de sua identidade para a vida adulta, pois necessita de direcionamentos, de estabelecimentos de limites, de referências que o auxiliem em suas escolhas. Portanto, é imprescindível que os adultos, que convivem no mesmo ambiente que

esse jovem, estejam atentos à própria conduta, uma vez que um ambiente familiar tóxico dificulta ainda mais essa jornada, trazendo o sentimento de abandono e de desorientação, que se traduz em violência, desrespeito e incompreensão. (SERRÃO e BALEEIRO, 1999)

Sejam quais forem as razões de um ambiente inadequado, é imprescindível refletir sobre formas de auxiliar esses jovens a resgatar e edificar sua identidade, a fim de favorecer seu autoconhecimento, sua autorregulação e seu bem viver para a chegada da fase adulta como cidadãos conscientes e saudáveis, evitando, assim, que estes venham enfrentar condições de vulnerabilidade.

Vulnerabilidade

Vulnerabilidade, de acordo com Carneiro e Veiga (2004 apud JANCZURA, 2012), é definida como situações em que famílias e pessoas são expostas a riscos, nas quais há falta de recursos materiais, comportamentais, simbólicos, falta de condições suficientes para o próprio desenvolvimento e de capacidade para superar os desafios que a vida lhes impõe. Para Pessalacia et al. (2010), ser vulnerável é estar em uma situação em que se é incapaz de proteger seus interesses próprios, caracterizando estados de privação e destituição. A primeira impede às pessoas de terem seus desejos e necessidades atendidos, enquanto a segunda restringe a liberdade e a capacidade do indivíduo, o que exigirá ações terapêuticas para minimizá-la.

Jovem Institucionalizado

As crianças e os adolescentes institucionalizados são aqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade, ou seja, vinculados à “pobreza e à privação material da família de origem” (SILVA; AQUINO, 2005, apud FÁVERO et. al, 2009, p. 188).

O jovem institucionalizado passa por um processo dolorido e marcante no que diz respeito aos seus vínculos afetivos e emocionais. Numa fase em que as relações familiares são cruciais para o seu desenvolvimento, o rompimento desses vínculos acarreta sentimentos de perdas, de abandono e solidão, trazendo-o a uma realidade insensível e negligente. (MOTA e MATOS, 2010)

Os sentidos

De acordo com Steiner (1916), o ser humano é provido de doze sentidos que formam a base da sua vida consciente e são necessários para se perceber o relacionamento deste com o mundo que o cerca. Costa (2017) compara-os a janelas que, por intermédio das

sensações e percepções, promovem o intercâmbio entre os mundos internos e externos dos seres humanos e modulam a qualidade do que pensamos, sentimos e queremos.

Esses sentidos foram divididos em três modalidades: básicas, relacionadas ao corpo; intermediárias, relacionadas aos sentimentos ou sensações; e as superiores ou do conhecimento, relacionadas à essência do ser humano.

São quatro sentidos básicos ou corpóreos (relação corporal): sentido do tato, sentido vital (ou visceral), sentido do movimento (ou propriocepção) e sentido do equilíbrio. Quatro sentidos intermediários (relação com sentimentos ou sensações): sentido do olfato, sentido do paladar, sentido da visão e sentido calórico. Quatro sentidos superiores ou do conhecimento (relação com a essência): sentido da audição, sentido da palavra (ou som), sentido do pensamento (conceitos), sentido do EU - perceber o EU do outro. (COSTA, 2017 apud STEINER, 1997, 102)

Segundo Severino (2007), a arte é um modo de expressão simbólica das experiências vivenciadas pelos seres humanos por meio da imaginação e dos sentimentos, que registra, expressa e representa o mundo de acordo com os próprios valores e gostos do indivíduo, os quais estão ligados à percepção dos sentidos (audição, tato, paladar, olfato e visão).

Assim, a partir deste olhar para o outro, na perspectiva de Steiner e Severino, poderemos contribuir para esse "acordar dos sentidos", como uma porta que se abre para um espelho, o autorreconhecimento!

Arteterapia

De acordo com a Associação Americana de Arteterapia (AATA), em 2003:

A Arteterapia baseia-se na crença de que o processo criativo envolvido na atividade artística e terapêutica é enriquecedor da qualidade de vida das pessoas. Arteterapia é o uso terapêutico da atividade artística no contexto de uma relação profissional por pessoas que experienciam doenças, traumas ou dificuldades na vida, assim como por pessoas que buscam desenvolvimento pessoal. Por meio do criar em arte e do refletir sobre os processos e trabalhos artísticos resultantes, pessoas podem ampliar o conceito de si e dos outros, aumentar sua autoestima, lidar melhor com os sintomas, *stresse*, experiências traumáticas, desenvolver recursos físicos, cognitivos e emocionais e desfrutar do prazer vitalizador do fazer artístico. (AATA apud PHILIPPINI, 2013, p. 11)

Segundo Philippini (2013, p. 11), a Arteterapia é “abrangente, holística e sobretudo transdisciplinar” e pode ser conceituada como um processo terapêutico no qual se utilizam várias modalidades expressivas, pelas quais o cliente elaborará atividades artísticas. Estas materializarão, de forma simbólica, “informações provenientes de níveis muito profundos da

psique, que pouco a pouco serão apreendidas pela consciência” (IBIDEM). Entendemos, neste contexto, a arte como um processo expressivo, desvinculado de padrões estéticos, técnicas ou escolas artísticas.

Philippini (2013) estabelece conexões entre criatividade, autonomia, construção de uma consciência crítica e o fazer arteterapêutico ao refletir sobre o surgimento da Arteterapia desde os primórdios da humanidade até sua consolidação no Brasil.

Assim pode-se considerar Arteterapia como um criativo território terapêutico, onde confluem distintos campos de conhecimento, e onde se pode gestar novas e livres formas de expressão, as quais, através da arte de cada um, é possível construir e reconstruir a subjetividade [...] (PHILIPPINI, 2013, p. 14)

Diniz (2009) apud Brasil (2013) nos fala da importância da arte no processo de formação da consciência, ressaltando o desenho como um dos primeiros meios expressivos a colaborar para essa construção.

A arte sempre foi uma função estruturante da consciência [...]. As mãos que marcam as cavernas pré-históricas já podem ser compreendidas como uma vivência de identidade. A arte [...] tem fundamental importância na trajetória humana, auxiliando o homem a estruturar seu “eu”, a lidar com os medos, dúvidas e perplexidades diante do desconhecido. (DINIZ apud BRASIL, 2013, p. 102)

ETC (Continuum das Terapias Expressivas)

Segundo Hinz (2010) e Ciornai (2004), o ETC (Continuum das Terapias Expressivas), desenvolvido por Kagin & Lusebrink, 1978b, é um modelo conceitual fundamentado em Piaget & Inhelder (1969), na criatividade, nas vivências diárias e no “setting” terapêutico. Está organizado em quatro níveis, categorias hierárquicas que vão do mais simples ao mais complexo: cinestésico-sensorial ou sensorio-motor, perceptual-afetivo, cognitivo-simbólico e criativo. Os três primeiros níveis processam as informações de duas formas e são complementares, enquanto o quarto nível pode ocorrer em qualquer nível do ETC.

No cinestésico-sensorial (sensorio-motor), temos o componente cinestésico e o sensorio. Este é tátil, rítmico, sensorial e ocorre num nível pré-verbal, pois, por meio do manuseio dos materiais, despertam-se sensações internas e externas, proporcionando a formação de imagens. Experiências neste nível contribuem para o entendimento das emoções e para o desenvolvimento da memória. Segundo Kagin e Lusebrink (1978) apud Ciornai (2004), este nível foca, principalmente, na liberação de energia mediante a ação executada sobre os materiais. No aspecto motor, há predomínio da agressividade (bater,

socar, jogar), enquanto no sensório podem emergir sensações táteis a partir de manipulações mais sutis (alisar, pingar, pressionar etc.). O ritmo é um componente de importância que pode tornar-se “uma experiência curadora, à medida que a energia psíquica indiferenciada presente é organizada e é expressa através do corpo” (KAGIN e LUSEBRINK (1978) *apud* CIORNAI, 2004, p. 107).

No perceptual-afetivo, mediante a interação entre o cliente e os materiais, surgem percepções e afetos ligados à interiorização das ações e das formas e às imagens mentais associadas às formas. Dependendo do grau de envolvimento e da energia mobilizada no processo, é possível à pessoa distanciar-se e refletir sobre sua criação ao reconhecer e nomear o afeto ligado às formas percebidas (CIORNAI, 2004). Neste nível, “o processamento das informações pode ou não precisar de palavras”. (HINZ, 2010, p. 6, tradução nossa)²⁰. “Podem ser construídas experiências para ampliar as perspectivas dos clientes e aumentar sua capacidade de ver o ponto de vista de outrem, por meio de uma nova linguagem visual”. Vivências embasadas na percepção podem promover uma comunicação interpessoal eficaz e relacionamentos satisfatórios, podem também auxiliar na identificação e expressão das emoções, bem como na discriminação de determinada emoção dentre vários estados emocionais. (HINZ, 2010, p. 10-11, tradução nossa)²¹

No cognitivo-simbólico, o foco é no pensamento lógico, na solução de problemas, no planejamento, no processamento de informações complexas e na maneira que, pela intuição, por meio de um diálogo com a produção, os símbolos são expressos e ressignificados (CIORNAI, 2004). Este componente simbólico pode auxiliar, sem o uso de palavras, no acesso do conhecimento corporal ou de mundo (HINZ, 2010, p. 12, tradução nossa)²².

As experiências criativas, nível criativo, podem fortalecer o senso de identidade e ser curativas (JOHNSON, 1990 e LUSEBRINK, 2004 *apud* HINZ, 2010, p.12, tradução nossa)²³. Quando há um envolvimento de forma intensa, ocorre um sentimento de elaboração, satisfação e uma sensação de término. Identifica-se este nível claramente pela “integração,

²⁰ No original: Information processing may or may not need words at this level.

²¹ [...] experiences on the Perceptual/Affective level [...] can be designed to broaden clients' perspectives and increase their ability to see another person's point of view through a new visual language. Perceptually based experiences can be one method of promoting effective interpersonal communication and satisfying relationships. [...] Experiences on the Perceptual/Affective level can help clients identify emotions, facilitate discrimination among emotional states, and assist in the appropriate expression of emotions.

²² No original: Symbolic component [...] can aid clients in accessing the wisdom of their bodies or the wisdom of the world, neither of which speak in words.

²³ No original: According to Johnson (1990), creative experiences [...] can reinforce an authentic sense of self. [...] Creative involvement itself can be healing [...] (Lusebrink, 2004).

transformação e expressão de experiências em novas formas” (KAGIN e LUSEBRINK, 1978 apud CIORNAI, 2004, p. 110)

O objetivo deste artigo é discutir, a partir das oficinas criativas aplicadas, as mudanças que estas possam exercer no âmbito da formação da identidade, visando proporcionar aos adolescentes ferramentas que possam fortalecê-los, a fim de que eles possam encontrar seu lugar na sociedade.

MÉTODO

Esta pesquisa é um estudo de caso a partir de vivências realizadas nas oficinas criativas em Arteterapia, com o objetivo de analisar qualitativamente a contribuição desta na construção da identidade de adolescentes institucionalizados.

Participantes

O grupo foi constituído por três garotas vindas de dois diferentes Serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA), sendo uma com idade de 15 anos e duas com 13 anos.

Ambiente e material

Devido à Pandemia do Covid-19, ao invés de realizarmos as oficinas dentro do SAICA, utilizamos uma sala cedida por uma clínica próxima à instituição, que também atende jovens institucionalizados. A sala foi preparada de forma a atender os protocolos de segurança da Covid-19 e aos objetivos das oficinas.

Realizamos entrevista com as técnicas dos SAICAs, que possuem formação em Psicologia. Elas nos relataram o histórico de vida, comportamental, escolar e de saúde das garotas que participaram das oficinas. Entrevistamos cada uma em separado para explicarmos o projeto, bem como ouvirmos seus sonhos, suas preferências em relação aos materiais, estilos musicais, alimentação etc. Utilizamos essas informações tanto no planejamento das oficinas como para o entendimento das produções arteterapêuticas.

Os materiais empregados nas oficinas foram caixas de papelão, tintas, pincéis, esponjas, lápis de cor, canetinhas, massas de modelar de E.V.A., papéis coloridos, elementos da natureza (terra, sementes, raízes, folhas secas, flores, pedras, cascas e pedaços de árvores, fibras de coco), sucatas, etc.

Oficinas

Houve vinte encontros com o grupo, uma vez por semana, com duração de duas horas cada, no período de agosto/2020 a fevereiro/2021. Neste período, entramos periodicamente em contato com as técnicas dos SAICAs, bem como com os profissionais que estavam acompanhando duas das garotas. As oficinas foram estruturadas em três etapas: sensibilização, desenvolvimento da atividade e fechamento.

1ª – VER - despertar o olhar para as coisas da natureza e a percepção do que reverbera no corpo, além de sentimentos e/ou emoções que possam surgir.

2ª – OUVIR - trabalhar a percepção auditiva, a partir da interação com instrumentos feitos de sucata e quais sensações podem ser despertadas no corpo, além de sentimentos e emoções.

3ª – TATO - perceber as texturas e quais sensações elas provocam.

4ª – ELABORAÇÃO COLETIVA - promover uma integração maior entre as garotas por meio de uma elaboração coletiva com a utilização dos diversos materiais disponibilizados.

5ª – MOVIMENTO - perceber os sons internos e externos no corpo, em seguida, criar, com massinha de EVA, uma representação do que vivenciaram.

6ª – MOLDANDO O PRÓPRIO CORPO I - perceber os sons internos e externos no corpo, em seguida, elaborar a representação do próprio corpo em papel kraft.

7ª – MOLDANDO O PRÓPRIO CORPO II - continuar a representação do próprio corpo e refletir sobre uma história traduzida, adaptada e apresentada a elas com o nome Rosa Branca, para trabalhar a autoestima.

8ª – EXPRESSANDO O QUE GOSTA - expressar o que gostam e o que não gostam por meio do Curtigrama.

9ª – JOGOS - realizar jogos, de acordo com a escolha do grupo, para ajudar na construção do vínculo dele, refletir sobre o como se joga e se age na vida. Os jogos escolhidos foram Cara a Cara e Jogo de Damas.

10ª – JOGOS - realizar jogos de acordo com a escolha do grupo, para ajudar na construção do vínculo dele, refletir sobre o como se joga e se age na vida e a cognição.

11ª – CORPO, O SENTIDO DO TATO E JOGOS - realizar o jogo “Imagine-me”, para trabalhar o esquema e a consciência corporal, refletir sobre o personagem criado, além do vínculo do grupo e o sentido do tato.

12ª – RECONSTRUINDO MEMÓRIAS PELO ALIMENTO - preparar alguns alimentos, celebrar os aniversários de L. e M., promover o resgate de memórias e sensações, fortalecer o vínculo do grupo.

13ª – CONSTRUINDO UM JOGO - construir um jogo de percurso com perguntas significativas para o grupo em relação às vivências diárias, para promover o autoconhecimento e fortalecer o vínculo do grupal.

14ª – RUMMYKUB, EXPLORANDO EMOÇÕES E SENTIMENTOS - proporcionar reflexões a respeito de sentimentos e emoções diárias, a partir do jogo Rummykub, visando reconhecê-los.

15ª – REPRESENTANDO-ME NO MOMENTO ATUAL - representar-se, no momento atual, por meio de personalização de uma caixa de mdf, utilizando E.V.A., cola de E.V.A., papel, tinta acrílica, pincéis, lápis e furador para E.V.A., e fazer o fechamento dos atendimentos do ano.

16ª – CONTAÇÃO DE HISTÓRIA I (O Patinho Feio) – construir, com sucatas, a representação de uma história e recontá-la.

17ª – CONTAÇÃO DE HISTÓRIA II (O Patinho Feio) - proporcionar mais reflexões a partir da atividade criada na sessão anterior, por meio da dramatização.

18ª – REVISITANDO MEMÓRIAS PELA COLAGEM - proporcionar o acesso às memórias, sentimentos e emoções por meio da colagem.

19ª – PERCEBENDO AS EMOÇÕES COM A MÚSICA - entrar em contato com as emoções, por meio da música e da pintura com tintas, para melhor compreendê-las.

20ª – PINTURA EM TELA - explorar sentimentos e desejos por meio da pintura em tela.

Os encontros foram conduzidos por Celina e Mônica, alunas em formação do Curso de Arteterapia Sistêmica, e supervisionados pelas professoras Patrícia Pina Figueiredo e Mariana Farcetta.

Baseamo-nos em alguns dos quadros avaliativos²⁴ propostos por Valladares (2003) e no conceito de identidade como parâmetro de acompanhamento do desenvolvimento das garotas durante as sessões de atendimento. Destacamos os seguintes aspectos observados durante os atendimentos: autonomia, autocuidado, cuidado com os pertences, postura diante das situações, postura corporal, volume da voz, nível de energia, distância interpessoal, atitudes que mostram entendimento de si, quantidade de material utilizado, padrão de relacionamento, mudanças de humor, estado emocional, afetos, autopercepção, entendimento de mundo, relacionamentos sociais, autovalorização, autoestima e amor-próprio.

²⁴ “Ficha de avaliação de Características do Comportamento das Crianças”, “Modelos não-verbais de Comunicação” e “Roteiro para Avaliação de Desenvolvimento da Criança”.

RESULTADOS

No início dos atendimentos, tínhamos um agrupamento de três adolescentes que compartilhavam o mesmo espaço. Percebemos que havia uma resistência em relação ao vínculo entre elas e somente a partir do 9º encontro elas começaram a, realmente, se aproximar, a prestarem atenção às ações umas das outras, a encontrarem semelhanças entre elas, expressando-as verbalmente. O ápice foi no 11º encontro quando construíram, em conjunto, personagens por meio do jogo “Imagine-me”. Pudemos estabelecer esta sessão como aquela em que o grupo se consolidou.

L., 13 anos, compareceu a 13 sessões, sendo 11 enquanto estava abrigada e duas depois de retornar à família. A garota demonstrou, no início, respeito, timidez, baixo volume de voz, autonomia, baixa autoestima, resistência a mudanças, autopercepção reduzida. Durante os encontros observamos mudanças na postura diante das situações a partir das atividades de jogos e culinária. Em decorrência disso, houve uma melhora no relacionamento dela com o grupo, ocasionando uma diminuição do distanciamento interpessoal, um aumento da autoconfiança ao expressar-se, no volume de voz, agora mais claro e na autovalorização. Notamos que após o retorno à família, o autocuidado alterou-se, pois apresentou descuido com as roupas e na higiene das unhas.

M., 13 anos, compareceu a 13 sessões, depois evadiu-se do SAICA. Apresentou ideação suicida na época da quarta sessão e iniciou tratamento psicoterapêutico próximo da sexta sessão. Desde o início, demonstrou-se comunicativa, falava do que sentia, permitia-se vivenciar as atividades propostas, apresentava autocuidado e cuidado com os pertences, carência afetiva, autopercepção, postura diante das situações e baixa autoestima, não se sentiu capaz para realizar atividades que exigissem habilidades que ela não utilizava com frequência. Com o tempo, demonstrou oscilações emocionais e no nível de energia, como, por exemplo, na atividade de exploração dos sons, em que não conseguiu, a princípio, girar um conduíte para simular o som do vento, e na atividade de elaboração coletiva em que delimitou seu espaço, traçando um quadrado para elaborar sua criação e expressou sua tristeza. Entretanto, na oficina RECONSTRUINDO MEMÓRIAS PELO ALIMENTO, trouxe lembranças afetivas relacionadas ao preparo da comida, à vida em outra cidade e à vontade de voltar a morar lá.

A partir da 9ª sessão, de acordo com a equipe que a acompanha, evoluiu no resgate da própria história. Observamos maior disposição e energia, alegria e empatia; melhora na autoestima, na comunicação com o grupo, na apresentação de planos para uma vida futura,

preocupação com o autoconceito. No entanto, ainda necessita de reforço positivo para confiar em si mesma e manter seu equilíbrio.

Apesar das adversidades encontradas, M. demonstrou vontade e comprometimento com ela mesma e com o grupo, comparecendo a todos os encontros até sua evasão do SAICA.

G., 15 anos, está em acompanhamento semanal psicoterapêutico e esporádico via online no SPVV (Serviço de Proteção Social à Criança e Adolescente Víctima de Violência). Age com respeito com todos, preocupa-se com o autocuidado, tem vontade de ter uma vida melhor, de estudar e trabalhar. No início apresentava uma postura de mulher, com alternâncias de comportamento infantilizado para idade, como, por exemplo, ao pedir à terapeuta que lhe apontasse o lápis. Mantinha um distanciamento interpessoal, não interagia com o grupo, somente com as terapeutas. Demonstrava dependência, falta de cuidado com os pertences. Vinha sonolenta; houve alguns episódios em que chegava a fechar os olhos com a intenção de dormir. Mantinha as pernas em movimento, balançando e movimentando o pé durante todo o tempo em que não estava produzindo algo. Apresentava resistência às sensibilizações e à participação em algumas atividades; falta de autopercepção, de autovalorização e baixa autoestima. Segundo a equipe que a atende, a garota estava muito preocupada em ajudar a família e esquecia de si mesma. Utilizava em excesso a quantidade de tinta, o que pode indicar incompreensão dos próprios sentimentos. Com o passar dos atendimentos, verificamos as seguintes mudanças: diminuição progressiva da sonolência e da agitação das pernas, maior participação nas atividades propostas, mais autonomia, autovalorização, como, por exemplo: cursos online que está realizando e planos para o futuro. Melhora na autoestima, além do resgate da própria história. Está controlando a quantidade de material utilizado, passou a se apresentar como uma adolescente. Ainda demonstra carência afetiva, principalmente em relação à família, entretanto seu propósito de vida está maior que as adversidades que encontra, direcionando-a ao estudo e às possibilidades para encontrar um trabalho. Constatamos também que apesar da garota centrar-se na atividade, ela não se atenta à organização do espaço de trabalho, como, por exemplo, deixar um dos pincéis utilizados sobre o material trabalhado. A equipe que a acompanha também percebeu mudanças em relação à autonomia, independência, melhora na autoestima, na criatividade e na maturidade. Um dos profissionais citou que a Arteterapia tem contribuído para que G. lide melhor com suas angústias, com sentimentos relacionados ao passado. E que após o início das oficinas arteterapêuticas, ela “consegue

expressar melhor, identificar um pouco melhor o sentimento e falar um pouco mais o que ela está sentindo”.

Observamos que, a partir da mudança do atendimento para a modalidade individual, G. começou a expressar mais seus sentimentos, emoções e a maneira pela qual interage com outras pessoas.

Realizamos uma sessão de fechamento e, nela, solicitamos que ela representasse numa espiral como ela chegou, como ela está no momento e o que ela deseja para o seu futuro. A garota iniciou o desenho, bem como o preenchimento com as palavras de fora para dentro. Identificou que inicialmente sentia “raiva, ansiedade e tristeza”. Atualmente, sente-se “melhor, feliz, com autoestima alta, mais madura, maravilhosa”. Deseja para o futuro “tudo de bom e do melhor”. No centro da espiral, completou os espaços em branco com corações. Presumimos que a construção deste percurso, de fora para dentro, pode indicar esse processo de autoconhecimento pelo qual G. está passando.

DISCUSSÃO

Nossa reflexão e análise dos resultados qualitativos obtidos vai ao encontro dos pensamentos de Valladares (2001), Carraro e Requião (2013), Hinz (2010) e Ciornai (2004), Steiner (1916), Severino (2007) e Pessalacia et al. (2010).

Valladares (2001) diz que ao criar, o adolescente pode mostrar sua individualidade. A construção em Arteterapia, seja ela por meio do desenho, da colagem, da pintura, da modelagem, do recorte etc., contribui tanto para o equilíbrio emocional como psicológico do adolescente. O primeiro favorece o desenvolvimento espontâneo da imaginação e da expressão, descarrega as tensões e expressa os temores, fantasias e alegrias, o que propiciará uma via de autoconhecimento, favorecendo assim, o amadurecimento e uma identificação mais precisa da própria identidade. O segundo auxilia no desenvolvimento dos aspectos motores, intelectuais e sociais, no despertar de valores, o que contribui para o desenvolvimento da cognição, da psicomotricidade e do afeto.

Segundo Carraro e Requião (2013), por meio de materiais de desenho e gráficos, podemos expressar formas que auxiliam no ordenar, concentrar, conter e definir limites, além de expressar e organizar adequadamente sentimentos e a própria vida.

Identificamos, no 16º encontro, CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, a passagem pelos 4 estágios do ETC, desde a liberação da energia ao bater o rolinho com tinta no isopor, a manipulação do biscuit para fazer uma maçã, a nomeação dos sentimentos do personagem criado, a associação da árvore que está torta até a representação do patinho feio e a

ressignificação desta árvore ao endireitá-la e dizer: “não é o patinho que está torto e sim a minha vida, mas que agora tudo está se endireitando” (G.).

Conforme Brasil (2013, p. 35), “o trabalho com as mãos é o trabalho da alma”. Sendo assim, a possibilidade de recontar a história por meio de uma construção proporcionou à G. uma atividade terapêutica rica e inundada de sentidos.

Conforme Severino (2007) e Steiner (1916), evidenciamos que memórias afetivas se apresentaram principalmente nos encontros em que exploramos os sentidos. Na oficina RECONSTRUINDO MEMÓRIAS PELO ALIMENTO, as garotas trouxeram momentos em que aprenderam a cozinhar, falaram sobre seus pratos favoritos e resgataram lembranças de familiares. Foi um momento em que as tensões diminuíram e elas se permitiram realizar um trabalho em conjunto e harmonioso.

Em relação à Pessalacia et al. (2010), identificamos que a vulnerabilidade se mostrou por meio da estrutura familiar comprometida, pela insegurança e pelo adoecimento psíquico. G. passou a sentir-se mais segura com a situação de abrigo, vendo o abrigo como um local que pode protegê-la e lhe proporcionar melhores condições de vida, enquanto que outra demonstrou situações de sofrimento, instabilidade emocional, que podem ter culminado na ação de fuga do abrigo.

CONCLUSÃO

Realizar as oficinas presencialmente foi um desafio pelo momento crucial gerado pela pandemia da COVID-19 e, também, pela impossibilidade de atendimento remoto devido às limitações estruturais e tecnológicas das instituições, o que impossibilitou o trabalho com um número maior de participantes. Outro desafio foi a incerteza da assiduidade das participantes, devido a várias circunstâncias como evasão e retorno às famílias.

Retomando nossa hipótese inicial a respeito da possibilidade de a Arteterapia contribuir para a construção da identidade de adolescentes institucionalizados, pudemos constatar que a Arteterapia auxilia nessa construção, entretanto, os resultados obtidos estão atrelados à influência das relações familiares, na medida em que a família é a base desta construção; das condições biopsicossociais de cada participante e do apoio que esta recebe de equipes multidisciplinares.

Desta forma, as oficinas realizadas abriram um espaço para que as adolescentes pudessem ouvir e serem ouvidas, expressar-se, identificar sentimentos, revisitar locais do

passado e pensar em novas perspectivas para o futuro. Além disso, como coloca Bernardo (2013, p. 16):

[...] a Arteterapia mostra-se um recurso extremamente valioso para a nossa integridade psicológica, seja criando condições para esse fluxo se manter ativo (atuando preventivamente), nos ensinando o caminho da auto-cura, seja facilitando que ele seja restituído, dissolvendo bloqueios na medida em que fornece meios para que eles se tornem conscientes e possam ser dissolvidos e transformados.

Este trabalho, para nós, é como a jardinagem, na qual as oficinas são como o sol, a água e o adubo, as adolescentes são as sementes e as arteterapeutas os jardineiros a gerar oportunidades.

História da formiga

Celina e Mônica

Duas formigas perdidas,
Em busca de novos caminhos,
Iniciaram uma jornada
Entre flores e espinhos.

Conheceram muita gente
Nessa aventura infinita,
Saberes tão pertinentes
Foram preenchendo suas vidas.

Ninguém podia imaginar
Que, finalmente, em belo dia
Elas fossem se encontrar
Em Arteterapia.

Em certo dia corriqueiro,
Elas muito conversaram,
No caminho para o formigueiro,
Preocupadas que estavam.

Pensavam em como acolher

As formiguinhas pequenas;
O que poderiam fazer?
Elas tinham tantos problemas!

Algo tinha de ser feito
Elas sabiam tão bem,
Com muito amor e respeito
E sabedoria também.

O que fazer? Se perguntaram,
Como encontrar solução?
E juntas pensaram e pensaram
Até que lhes veio um clarão.

Vamos usar muita arte,
Tintas, papéis e tesoura,
Colas, fitas, brilho em parte,
E nossas mãos acolhedoras.

Vamos buscar sensações,
Sentimentos e emoções.
Permitir que o amor brote
Em seus pequenos corações.

Referências bibliográficas

BERNARDO, Patrícia Pinna. **A Prática da Arteterapia**: correlações entre temas e recursos. São Paulo: 3ª ed., Arterapinna Editorial, 2013.

BRASIL, Claudia. **Cores, formas e expressão** - emoção de lidar e arteterapia na clínica junguiana. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal: saúde, um direito dos adolescentes**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.

CARRANO, Eveline; REQUIÃO, Maria Helena. **Materiais de Arte**: sua linguagem subjetiva para o trabalho terapêutico e pedagógico. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2013.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. (1984). In: LANE, S. T. M. & CODO, W. (Orgs.) **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense.

CIORNAI, Selma. (org.). **Percursos em Arteterapia**: Arteterapia Gestáltica, Arte em Psicoterapia, Supervisão em Arteterapia. São Paulo: Summus, 2004.

COSTA, Elaine Marasca Garcia da. **Pedagogia Waldorf e Salutogênese**: o ensino como fonte de saúde. Utopía y Praxis Latinoamericana, vol. 22, núm. 79, 2017. Universidad del Zulia. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/279/27956721008/html/index.html>. Acessado em 28/09/2020.

FÁVERO, Eunice Teresinha; VITALE, Maria Amália Faller; BAPTISTA, Myrian Veras (orgs.). **Famílias de crianças e adolescentes abrigados**: quem são, como vivem, o que pensam, o que desejam. São Paulo: Paulus, 2008.

HINZ, Lisa. **Expressive therapies continuum**: a framework for using art in therapy. Taylor & Francis e-Library, 2010.

JANCZURA, Roseane. **Risco ou vulnerabilidade social?** Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 11, n. 2, p. 301 - 308, ago./dez. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3215/321527332009.pdf>. Acessado em 20 de setembro de 2020.

MOTA, Catarina Pinheiro e MATOS, Paula Mena. **Adolescentes institucionalizados**: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrole. Análise Psicológica (2010), 2 (XXVIII): 245-254. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312010000200001. Acessado em 20/09/2020.

PAPALIA, Diane E. e FELDMAN, Ruth Duskin. Desenvolvimento Físico e Cognitivo na Adolescência. In: **Desenvolvimento Humano**. 12ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PENNA, Maura. **O que Faz Ser Nordestino**. São Paulo: Cortez, 1992.

PESSALACIA, Juliana Dias Reis; MENEZES, Elen Soraia de; MASSUIA, Dinéia. **A vulnerabilidade do adolescente numa perspectiva das políticas de saúde pública**. Revista - Centro Universitário São Camilo - 2010;4(4):423-430. Disponível em: https://saocamilo-sp.br/assets/artigo/bioethikos/80/Bioethikos_423-430_.pdf. Acessado em: 20 de setembro de 2020.

PHILIPPINI, Angela. **Para entender arteterapia**: cartografias da coragem. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013, 5ª ed.

ROÉ, Rosa María. **La rosa blanca**. Tradutor GARCIA, C. F. Disponível em: <https://cuentosparadormir.com/infantiles/cuento/la-rosa-blanca>. Acessado em: 20 de setembro de 2020.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. **Adolescência através dos séculos**. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 26, n. 2, pág. 227-234, junho de 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 de outubro de 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>.

SERRÃO, Margarida e BALEIRO, Maria Clarice. **Aprendendo a Ser e a Conviver**. 2ª ed. São Paulo: FTD, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia**. 2. ed. - São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção Magistério. Série formação geral)

STEINER, Rudolf. **Os Doze Sentidos e os sete processos vitais**. Conferência proferida em Dornach (Suíça), em 12 de agosto de 1916. Tradução: Christa Glass

VALLADARES, Ana Cláudia Afonso.; NOVATO, Ana Cristina Ribeiro dos Santos. **Aspectos transformadores da construção em arteterapia com adolescentes**. Revista Eletrônica de Enfermagem (online), Goiânia, v.3, n.1, jan-jun. 2001. Disponível: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen>. Acessado em 2020-11-21.

VALLADARES, Ana Cláudia Afonso. **Arteterapia com crianças hospitalizadas**. 2003. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2003. doi:10.11606/D.22.2003.tde-08032004-104940. Acesso em: 2020-11-24.